GOMES LEAL

SERENADAS
DE
HYLARIO NO CEO
PHANTASIA MYSTICA
EM
UM ACTO

IMPRENSA ECONOMICA
RUA DO CAES
VILLA FRANCA DE XIRA

GOMES LEAL

SERENADAS

DE

HYLARIO NO CEO

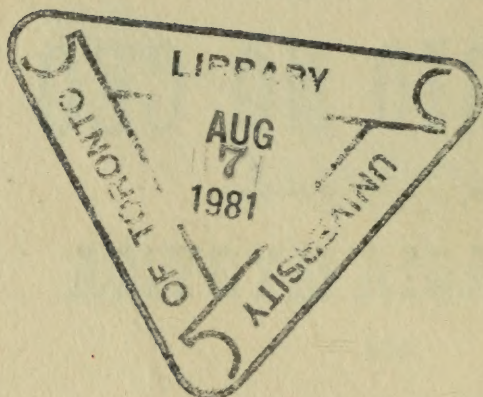
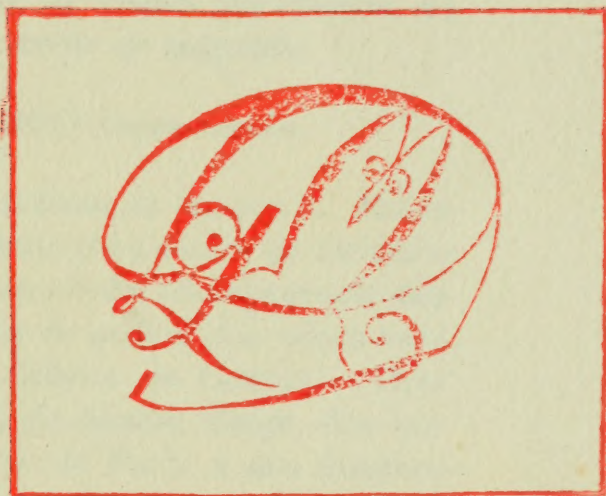
PHANTASIA MYSTICA

EM

UM ACTO

IMPRENSA ECONOMICA

Rua do Caes, 56 a 58

VILLA FRANCA DE XIRA

AOS MEUS AMIGOS

ACTO UNICO

SCENA I

O theatro deve estar immerso n'uma vaga claridade.—Uma larga salla, com uma porta azul, ao fundo, que deve figurar a do Ceo.—S. Pedro, ancião de veneraveis barbas, está sentado n'uma cadeira, com um grande molho de chaves que tilintam, na dextra e com certo ar mazombo.

S. PEDRO MONOLOGANDO

Estão muito avêssos os tempos!.. Muito avêssos e em muito mau cheiro de christandade!.. E tudo isto advém da depravação dos costumes, *do pas de quatre,* das valsas vertiginosas, e dos delirios do *Cancan!..* Desde que as bellas do *Moulin Rouge,* dos immoraes botequins de Pariz e dos theatros de boulevard, se lembraram de alçar as niveas pernas até á altura do nariz, escasseou

a romagem das almas para o Céo!.. Antigamente ainda se ouviam bastas vezes, timidos *truz! truz!* á portáda do Paraizo!.. Hoje é raro: — todos os pés estão occupados em dançar o *Cancan,* e todos os ouvidos a escutar a guitarra mágica do Hylario... Ah! este, se tivesse o despejo de algum dia bater á aldrava do Céo, havia de lhe chamar, com todas as letras—tunante, birbante, meliante, melcatréfe!... *(Avermelha-se comicamente de colera. Á portáda escutam-se dous repinicados truz! truz!... S. Pedro, boquiaberto:)* Quem é que báte por acaso, e com tamanha filaucia!.. Déve ser algum rei, ou algum doidivanas!.. Algum rei que morreu n'um baile, ou algum esturdio que rolou sob a meza de um botequim, sem pagar o seu absyntho... Veem tresnoutados, e enganaram-se decerto batendo á porta do Ceo!.. *(Vae abrir, deixando a porta mal cerrada, mas de sorte a vêr-se as figuras dos que querem entrar.)*

S. PEDRO

Quem é que bate á porta do Paraizo,

como se isto fosse porta chué de quintal!..
O predio está decerto vetusto e antigo, mas
ainda aqui não viceja o hervaçal, nem se
cultivam as couves lombardas!..

SCENA II

*S. PEDRO, e HYLARIO, MEPHISTO-
PHELES, o ANJO DA GUARDA, fóra
da porta*

HYLARIO, SOBRAÇANDO UMA GUITARRA

Veneravel Ancião! Veneravel S. Pedro!
Muito conspicuo guarda portão celeste!.. eu
sou o Hylario, o poeta pallido e amigo da
Gandaia, que tão celebre me tornei na Terra,
por causa da minha guitarra e do meu
figado. Vinha pedir-vos um banquinho, um
réles banquinho, uma tripeça, um tamborete,
uma dobradiça, cá n'esta deliciosa Opera
Celestial, por que eu pello-me por música,
como um archeiro do Papa!..

S. PEDRO

O que?.. Pois tu, grande tunante e bir-

bante! passaste a vida copletamente na borga e na Gandaia, passando as noites mal dormidas, em descantes e salsifrés, empinando copazios, com tricanas e loureiras, e depois de todas estas noutes lutulentas dos botequins, pretendes abichar um tamborete no Paraizo!.. Nem tambôr, nem tamboril, nem tamborete!... Rua!... Gyra com Mephistopheles para o pé da rainha Cleopatra, Messalina, Izabel de Baviera, e outras bellas e perniciosas madamas, com quem te hasde deliciar ás maravilhas!..

MEPHISTOPHELES VESTIDO COMO UM DANDY, FLORES AO PEITO, ASSESTANDO O SEU MONOCULO

Perfeitamente! Perfeitamente! expansivo e meticuloso barqueiro da Galiléa... E' o que eu tenho manifestado a este incomparavel rapaz!.. Disse-lhe que elle éra um moço esturdio e intelligente, folgazão, expansivo, generoso, amigo das mulheres, do Amor, e do Vinho, emfim, muito espirituoso, excessivamente espirituoso e com todos os requesitos que o tornam digno de des-

prezar as pompas do Ceo, e de ser um preclaro cidadão dos Infernos!.. Mas elle não me quiz ouvir... e em quanto eu lhe puxava por um braço para os Estados de Satan, o seu anjo da Guarda, que é cabeçúdo, puxava-lhe por outro, para o Ceo. E eis aqui por que nós todos aqui estamos: —elle, com desejos de ouvir Santa Cecilia, e os coros celestiaes: eu na esperança de o convencer, e de não me privar de tão alegre companhia!.. *(Baixo a S. Pedro)* Tange a guitarra que é de endoudecer!..

S. PEDRO (ABALADO)

Sempre então é verdade que este bohemio doidivanas modúla umas taes modinhas, que é da gente se extarrecer, e passar toda a Eternidade n'um interminavel salsifré?... Se não fosse contra a religião gostava de ouvir isto!...

O ANJO DA GUARDA

Não, S. Pedro! as tróvas do Hylario enaltecem o Amor, mas não abocanham a

Religião. São ais sentidos, melopeas vagas, suspiros de uma alma ferida, gemidos de um coração varado por um raio de lua!..

HYLARIO

Estas discussões acabam por me fazer dormir em pé!.. Que estás tu, ó meu anjo da Guarda, a fallar em feridas, em suspiros, em melopeas, e em raios de lua... Perdes toda a tua poesia e o teu systema planetario, com S. Pedro!.. Falla-lhe em tainhas, em enguias, em chernes, em safios, em rodovalhos, ou na melhor maneira de concertar as redes, que elle punha a secar ao sol, nas prateadas praias da sua Galilea!..

S. PEDRO (COLERICO)

Quéres tu dizer, acaso com isto, que eu sou um réles pescador, que não entende senão de tainhas, de chernes, e de enguias!.. Rua já meu sacripanta, meu atrevido estudante das duzias!.. Fóra com o insolente!.. *(Atira-lhe com um molho de chaves).*

HYLARIO (RINDO ÁS GARGALHADAS, E APANHANDO AS CHAVES)

Veneravel Ancião! Respeitavel Apostolo! Preclaro porteiro das Alturas!.. Bem vês que eu agora é que tenho as chaves, e posso muito bem occupar o teu logar no Céo! Não tenho porem uma vocação irresistivel para guardaportão! Portanto, toma-as lá, e deprehende bem por isto, quanto um poeta é generoso!... *(Ri ás casquinadas)*.

SCENA III

Os mesmos e S. CECILIA trazendo uma harpa de ouro.

S. CECILIA

O que é isto, S. Pedro? O que é que te enfada assim?.. E quem é este moço interessante, que sobráça, com ar folgazão, um instrumento que me é desconhecido?..

S. PEDRO

E' o Hylario, o esturdio bohemio de ca-

fès, o conquistador de corações, que pretende tambem escalar as portas azues do Ceo !

S. CECILIA

Ah este moço é o Hylario, que dizem que tange tão divinamente as cordas da guitarra, que todos os corações se diluem em risos e em lagrimas?.. S. Pedro ! consente que elle penetre no Ceo um bocadinho pois toda eu estremeço em desejos de o ouvir...

S. PEDRO

Attentae bem, illustre S. Cecilia, que se o Hylario põe nos Ceos um pè, um bocadinho, ninguem mais d'aqui o deixa sair !.. E' capaz de endoudecer as Onze Mil Virgens!..

MEPHISTOPHELES

Effectivamente é assim, preclara maestrina!.. O demo do estudante tem não sei que magia nas pontas dos dedos, que é capaz de fazer asnear o mais abalisado dou-

tor da Egreja!.. Eu proprio, que sou um diabo matreiro, não escápo á fascinação!..

S. CECILIA

S. Pedro, vamos, um bocadinho só! Depois de o ter escutado, elle decerto não permanecerá aqui, sem o consentimento de Jesus, ou da Virgem Maria!

S. PEDRO (RESMONEANDO)

As mulheres, ainda que santas, hão de sempre mostrar que são filhas d'Eva! Todas morrem pela Serpente!.. *(Abre a porta a Hylario, Mephistopheles, e ao Anjo da Guarda. Mal elles entram a salla illumina-se explendidamente.)*

O ANJO CA GUARDA (BAIXO A HYLARIO)

Hylario, meu bom amigo! o mais difficil está vencido! O resto tu o conseguirás provavelmente!.. Se acaso houver perigo, de novo accorrerei a teu lado, com sollicitude.

HYLARIO

Obrigado, meu anjo da Infancia!.. Tens sido bom de mais, para um valdevinos como eu!.. Mas os corações bons são como a Luz—douram até ás impurezas! *(O Anjo retira-se).*

SCENA IV

Os mesmos, menos o ANJO DA GUARDA

S. CECILIA

Vamos, Hylario, se és tão illustre como dizem na arte divina de extasiar as almas, vibra já, que estou impaciente, as cordas mudas d'essa guitarra!.. Dentro d'ella déve existir uma alma prisioneira!

HYLARIO

Vou satisfazer-vos desde já, e começarei por uns triolets folgazões!.. *(Vibra a guitarra e canta).*

Eu móro n'uma trapeira.
Canto, á guitarra, a primôr!
Namóro uma costureira,
que é uma gracil trigueira!..

Tenho cotão na algibeira,
na alma milhões de amor!
Eu móro n'uma trapeira.
Canto, á guitarra, a primor!..

Sou bohemio vagabundo.
Ando sempre na Gandaia!
Tenho um desprezo profundo
pelo deos Vintem immundo...
Corro, a cantar, meio mundo,
e durmo á lua na praia...
Sou bohemio vagabundo.
Ando sempre na Gandaia!

Hei de inda ser saltimbanco,
e aos burguezes mostrar ursos!..
Todo de vermelho e branco,
com um gigante que é manco,
e um camello de olhar franco,
farei nas feiras discursos...
Hei de inda ser saltimbanco
e aos burguezes mostrar ursos!..

Meninas doudas de amor
fugirão com o palhaço!
Aos rufos de meu tambor
correrá tudo em redor!
E da guitarra ao langor
chorarão damas do paço!...
Meninas doudas de amor
fugirão com o palhaço!

Andarei cheio de anneis
dádos por embaixatrizes!..
Terei «dogcarts» e corseis...
E, ao partir, noventa e seis
princezas filhas de reis,
chorarão quaes chafarizes...
Andarei cheio de anneis,
dádos por embaixatrizes!..

A Imperatriz da Allemanha
fugirá com o arlequim!
Será uma cousa extranha
vêr uma guerra tamanha!
Vinte náos da Grã Bretanha
virão em busca de mim...
A Imperatriz da Allemanha
fugirá com o arlequim!

Hão de a achar n'uma trapeira
commigo, a tocar guitarra!..
Arderá a Europa inteira
com esta guerra estrangeira!
Virá a Austria sobranceira
Albion de agúda garra...
Hão de a achar n'uma trapeira
commigo, a tocar guitarra...

S. CECILIA

Cantas e tanges superiormente esse ins-

trumento maravilhoso, cujo amavío eu desconhecia!.. Canta mais que estou embevecida!...

S. PEDRO

Effectivamente! effectivamente! devo convir que a guitarra é muito superior ao orgão e ao psalterio!.. Mas os teus cantos são assás profanos!.. Não seria melhor que tu entoasses na guitarra os psalmos do rei David?..

HYLARIO

Eu prefiro o Cantico dos Canticos de Salomão. São cantos que fallam de amor, de poesia, de vinho e de mulheres!.. São cantos que fazem estuar os sentidos e o coração!.. Respira-se ali a vida a plenos haustos, e parece que nos embriaga o cheiro das rosas de Saron!..

MEPHISTOPHELES (ASSESTANDO PRETENCIOSAMENTE O MONOCULO A S. CECILIA)

Cousa rara, illustre Santa!.. E' tambem

Salomão o meu escriptor predilecto, apezar de ser um auctor sagrado!.. Um rei da Judea, que bebia como um tonel, que possuia trezentas mulheres, e setecentas concubinas, não póde deixar de ser para mim um auctor de muita auctoridade!..

S. CECILIA

Não nos detenhamos em conversações estereis!.. Hylario accéde aos meus rógos!..

HYLARIO (CANTANDO)

E' tua boca ideal
um palacio com jardim...
As portas são de coral.
Os degráos são de marfim!

Quem me déra là mandar,
como arauto do Desejo,
um pagem de seda e ouro,
que tem o nome de Beijo!

S. CECILIA

Encantador, deliciosissimamente expremido, com mimo e com alma! Vou tambem res-

ponder-vos, na minha harpa dourada! ...
(Tange a harpa, e entôa).

Teu modilho terno e brando
toda a minha alma clareia...
Parece que estou sonhando
ao luar, na branca areia!

Vou quebrar minha harpa de oiro!
pois não ha quem te resista...
Tua guitarra é um thesoiro!
—Fóge de mim guitarrista!..

(Faz rebentar todas as cordas da harpa.)

HYLARIO

Por que fizéste estallar assim as cordas da tua harpa celeste?.. N'isso não manifestas senão quanto és modesta, como gentil!.. Que dôr agùda senti!

MEPHISTOPHELES

Dá-me cá a tua guitarra Hylario, que tambem quéro trovar n'ella uns elogios, cá a meu sabor de velho diabo libertino ...
(Tange a guitarra, e canta sarcasticamente)

Teu canto abriu-me cem portas
de oiro e azul, bem o distingo!..
Paréce que ouvi nas hortas
um «sol-e-dó», ao domingo!

Não ha voz que mais amanse!
Que chorosa cavatina!...
Paréce um triste romance,
lido á luz da lamparina!

Tens na voz notas extranhas,
lyrio de folhas prateádas...
Que pena que tu não venhas
ao «Antonio das Caldeiradas!»

S. CECILIA

Quedae-vos aqui ainda, Hylario, que eu me não demoro muito... Vou avisar as minhas companheiras da tua chegada e dizer-lhes que venham extasiar-se com os teus descantes. *(Sae).*

SCENA V

Os mesmos, menos S. CECILIA

S. PEDRO

Muito bem! agora que S. Cecilia já ouviu as tuas tróvas, garganteios, e trinados, é tempo, creio, de gyrares para outras regiões! Rua! Rua! meu estudante!... O Céo não é nenhuma baiúca, nem sitio para valdevinos, nem gente perdida da Gandaia!.. Vae-te embóra com o cão tinhoso!.. Cruzes Canhoto!..

HYLARIO

Sair do Céo, sem ter ouvido os córos celestiaes!.. Isso nunca!.. Seria o mesmo que ir a Roma, e não vêr o chinello do Pápa!...

MEPHISTOPHELES

Affianço-te que não vále a pena!.. Os anjos tocam todos fóra do compasso. Os

côros das Virgens cantam todos em falsête! .. Tenho escutado nas aldeias do planeta terráqueo charangas e sol-e-dós muito mais afinádos que os taes córos celestiaes!..

S. PEDRO

Cála-te mafarrico!.. Lingoa da Impostura e da Mentíra! De todos os demonios tú és o mais mentiroso, zombeteiro, e escarnicador!.. E's como a rapoza com as uvas!.. Dizes mal do Céo, porque não pódes cá morar entre os anjos!

MEPHISTOPHELES

Se é verdadeira a comparação do teu apólogo, sendo eu a rapoza, devem então os anjos ser as úvas?.. *(Ri ás gargalhadas).*

SCENA VI

Os mesmos e as ESTRELLAS

As Estrellas veem todas com saias de prata e ouro, nas quaes estão semeadas estrellas

douradas, e pequenos espelhos luzentes Na testa trazem todos tambem uma estrella de cristal, e nas cabeças em ar de diademas, lampadas multicores.

UMA ESTRELLA

E's tu Hylario, tu, que nós tantas vezes ouvimos, com os olhos alçádos para nós, modular o teu rosario ideal e religioso de poesia?.. Ai que lindas contas de pérolas tu passávas, tantas vezes, rindo, ou chorando?... Não nos conhéces?.. Somos nós as tuas claras amigas, as Estrellas!..

HYLARIO

Ai se vos conheço meus Sonhos, meus desejos, meus soluços, meus quebrádos suspiros!..

A ESTRELLA

Pois então vibra-nos, como outrora, nas noutes bondosas e macias de lua, novos rosarios de rimas!.. Todas nós te queremos ouvir!

(As estrellas repétem estas ultimas palavras em côro. Depois fazem uma grande roda, em torno de Hylario, que métem no meio, e volteiam assim, emquanto elle canta:—imitando o gyro astral em volta de um sol.)

HYLARIO, CANTANDO ÁS ESTRELLAS

Sois flores, ou pedras finas...
cá d'estes jardins do Ceo ?
As vossas cor's peregrinas
são de opála, ou coralinas ?
Sois lyrios, ou balsaminas
chrysantemos, que sei eu ?!..
Sois flores, ou pedras finas...
cá d'estes jardins do Ceo ?

Lembrais-me uns olhos errantes...
que chóram noivo no mar !
Quando vos via distantes
como lagrimas brilhantes...
scismava em mortas amantes,
e então punha-me a cantar...
Lembrais-me uns olhos errantes...
que chóram noivo no mar !

(As Estrellas param os seus volteios, conservando comtudo a róda, em torno de Hylario.)

A ESTRELLA

E' incomparavel, Hylario, o teu canto precioso! Nós não somos preciosas gemmas, nem amethistas, nem esmeraldas, apezar de termos as côres vivas d'essas pedras. O teu canto porém é que é um escrinio de diamantes dignos do rei Salomão!

MEPHISTOPHELES *(quebrando o circulo das Estrellas, querendo dar um beijo n'uma.)*

O' minhas beldades! que dengosas e irresistiveis sois com essas lanternas multicôres na fronte, em guisa de diadéma!.. Lampadas, lampadários, archotes, luminares, castiçaes d'este reino estrellado, devo declarar-vos que sois muito superiores á luz electrica, e ao bico Auer!.. Dá-me cá a tua guitarra Hylario! *(Cantando á guitarra).*

Ai que lanternas! que olhar
de olhos tão garços, frécheiros...
Quem me déra ir já deitar,
á luz de taes candieiros!

Que grande incendio em mim lavra,
ao vêr-vos, luzes divinas!...
Não me importava, palavra!
levar vinte lamparinas!

SCENA VII

Os mesmos e MARIA MAGDALENA

S. PEDRO

Jesus me valha Senhor! Ahi vem Maria Magdalena! D'esta vez é que perco a esperança de pôr fóra do Céo o Hylario... Temos o caldo entornado!..

MARIA MAGDALENA

S. Cecilia acába de me pintar com côres tão magicas o encanto da tua voz, que venho correndo para te ouvir, Hylario. No tempo das minhas vaidades, quando eu banhava o meu corpo glorioso, todos os dias, em banhos de essencias e perfumarias da Arabia, e habitava em palacios frescos de marmore, que me dava Herodes Antipas, eu tangia, com primor, todos os instrumen-

tos de corda. Por isso é grande a minha anciedade de te ouvir...

HYLARIO CANTANDO

Loura e bella companheira
da existencia do Rabí,
a guitarra aventureira
turbou-se hoje... mal te vi!

Jesus desceu aos abrólhos,
por mil degráos em espíras...
Mas subiu para os teus olhos,
por escadas de saphiras.

N'esse azul do teu olhar
não ha tufões... ha bonança.
Ai quem me déra viajar
no mar de ouro d'essa trança!

Quem me déra em taes oceanos,
que rescendem a violeta...
andar perdido cem annos,
como a nau Catharineta!

MARIA MAGDALENA

Não posso sequér acompanhar, nem ir na esteira dos teus primores, mas acompa-

nha-me no teu instrumento favorito, que eu vou forcejar por te dar a réplica... *(Hylario acompanha-a, e Magdalena entôa)*

Como tu cantas tão bem !
Seda de Infanta ou Rainha
não vàle os rasgões que teem
a tua capa velhinha !..

Teu canto tem amavìo !..
Entorna em róda um luar.
Dá-me suor, faz-me frio,
e vontade de chorar !...

Que me importa a loura trança
que, ao desdem, me cáe na espalda...
teu canto traz-me á lembrança
um sonho de ouro e esmeralda !..

Se eu não fosse a planta alta,
que solucei no Calvario,
perdia-me, hoje, sem falta
por tua guitarra, Hylario !..

MEPHISTOPHELES

Pelo que vejo, cá n'estes salões resplandecentes do Imperio Celeste, tudo são curvas mesúras, etiquetas, e contumelias !...

Vou tambem portanto, fazer a Maria Magdalena os meus humildes salamaléques...
(Canta á guitarra).

Mandei tróvas ao luar,
madrigaes ás cotovias...
mandáram-me ir passear
a casa das minhas tias!

Se eu sou feio como os bódes!..
Mas tu, Brilhante polido,
fizeste o Tetrarcha Herodes
andar de beiço caido.

Conheceste o mundo arteiro.
Viste o Ladrão Bom, e o Máo...
Faltou-te ir do Arieiro
jantar na «Perna de Páo!»

SCENA VIII

Os mesmos S. CECILIA e córos dos Anjos. (Os anjos trazem todos instrumentos de corda e de sopro, e veem tocando uns acordes suaves. S. CECILIA traz a tiracollo uma guitarra. Depois de tocarem por algum tempo, suspendem a fanfarra. O maestro empunha uma batuta de ouro: os

anjos mais pequenos agitam pandêretas prateadas.)

UM ANJO (A HYLARIO)

Já te fizemos ouvir, por pedido especial de Santa Cecilia, os nossos córos celestiaes, segundo manifestaste o desejo a S. Pedro. E' do teu dever agora fazer-nos ouvir o teu instrumento celebrado.

HYLARIO (CANTANDO)

Anjos d'azas de setim!
Anjos louros, Anjos bons!
entornai por sobre mim,
vosso chuveiro de sons!...

Contra tão maviosa chuva,
eu não quéro usar umbella,
minha triste alma viuva
quer ser molhada por ella!...

A Virgem compõe os hymnos,
que os corações arrebáta...
Os anjos mais pequeninos
tocam pandeiros de prata.

MEPHISTOPHELES *chega-se para o pé dos anjos, assestando-lhes o monóculo, mirando-os desde os pés até á cabeça, e por ultimo, affagando-os, com tregeitos caprinos de satyro. (Canta).*

Essas mãosinhas neváda
essas mãosinhas pequenas,
crávam peitos como espadas...
são macias como pennas!

Dir-se-hia que estão tangendo
violinos nos corações...
Paréce que estou comendo
salada de camarões!

(Suspende-se um pouco, para se assoar, a um enorme lenço côr de fogo, e depois continua)

Sois mimosos como as Virgens!
Sois claros como a Manhã...
Só não sabeis as vertigens
voluptuosas do «cancan!..)

(E dizendo isto, põe-se a exibir uns passos impossiveis, vertiginosos, fabulosos do cancan).

S. PEDRO, (A MEPHISTOPHELES COLERICO)

Grandissimo Tunante das profundas!.. Indigno Sicario dos abysmos!.. o Altissimo permitte-te, por favor especial, as tuas liberdades malignas, desde longa data; mas jámais te permitte que faltes á compostura que déves ter no Céo.

MEPHISTOPHELES

Basta! Basta!.. O que me fez proceder assim foi o desejo innocente de lhes aperfeiçoar a sua educação infantil!..

S. CECILIA (A HYLARIO)

Não vês Hylario, já mandei buscar o teu instrumento predilecto á Terra... Chega-te cá. Quéro que me dês as primeiras instrucções!.. *(Hylario chega-se a S. Cecilia; e ensina-lhe a vibrar as cordas)*

S. PEDRO (LEVANDO AS MÃOS A' CABEÇA)

Válha-nos Deos!.. Válha-nos o Todo

Poderoso! Já Santa Cecilia que rebentou as cordas da sua harpa de ouro, quer aprender tambem a tocar a diabolica guitarra!.. Entraram as serpentes no Paraizo! Vou já pol-os sem delonga, no olho da rua! Rua! Rua! seus melquetréfes, seus valdevinos!...

SECNA IX

Os mesmos S. JERONYMO e os ERMITAS

S. JERONYMO

Ainda não, S. Pedro! Ainda não! Pacienta um pouco!.. Tambem eu quéro escutar o Hylario, e mais os meus venerandos Ascetas. *(Para Hylario.)* Estou ha longos annos no Paraizo, e por demais conheço os Santos, as Santas, os Archanjos, os Seraphins, os Thronos, as Dominações. Fallame agora alguma cousa da Terra, que ha muito deixei de a conhecer! As mulheres do teu paiz são acaso tão bellas que as almas dos homens por ellas ainda se deixem

tentar, aos seus beijos lascivos, e sobre os seus seios de lava?!..

HYLARIO

Precláro S. Jeronymo! As mulheres do meu payz são formosas entre as formosas, e teem carinhos suaveis e flebeis que adormentam como o opio e o hydromel!.. A ellas votei sempre o meu amor os meus versos, e as minhas lagrimas silentes!.. Se me perdi, perdi-me por ellas, e é tal o amor que lhes votei, que se tivesse de voltar para ellas, não verteriam meu olhos, talvez, lagrimas pelo Céo prohibido! Vou fazer-vos o retrato de algumas das mais inolvidaveis. *(Canta).*

Das alfacinhas dengosas
as fallas sábem a mél!..
São esbeltas, graciosas
quaes borboletas nas rosas!
Suas tranças setinosas
reluzem como um broquel...
Das alfacinhas dengosas
as fallas sabem a mél!

Que menear de quadrìs
tão gentil teem as tricanas!..
Não ha almeias e houris,
nem grisettes de Pariz,
nem Andaluzas gracís,
que vos imitem, serranas!
Que menear de quadris
tão gentil teem as tricanas!..

As graciosas Ovarinas
parecem brancas fragátas!
Teem todas cinturas finas
como delgadas meninas!
Teem remos de coralinas,
vélas que parecem pratas...
As graciosas Ovarinas
parécem brancas fragatas!

Que lindas são as do Porto!
Que guápas são as tripeiras!..
Inda que eu estivesse morto,
ou como Jesus no Horto,
ficaria doudo e absorto
de amor, por estas frécheiras...
Que lindas são as do Porto!
Que guápas são as tripeiras!

Parécem mouras de lendas
as graciosas Algarvias!..
Não ha joias, nem offrendas,
do rei Salomão as tendas,

da bella Belkiss as prendas,
que válham taes pedrarias...
Parécem mouras de lendas
as graciosas Algarvias!..

Podesse eu, com ellas todas,
bailar o fado, ao luar!
Como se baila nas bodas,
podesse eu, em grandes rodas,
cantando umas ternas modas,
em farandólas voltear...
Podesse eu, com ellas todas,
bailar o fado, ao luar!..

S. JERONYMO

O teu canto tem na realidade um amavío desconhecido, e ha, effectivamente, n'esse instrumento uma somnolenta melopea, que tem tanto de sensual, como de melancholica!... Se as mulheres do vosso paiz são carinhosas, e vos entontecem, o instrumento que as celébra é digno d'ellas!...

MEPHISTOPHELES

E' certo que as mulheres do paiz d'este esturdio bohemio tem um certo feitiço pe-

culiar que seduz!... O estudante, porem, que paréce que está embeiçado por ellas, exagerou muito as suas perfeições, e alliviou muito os seus idolos dos defeitos naturaes de todas as mulheres, que são todas amigas da Serpente!... Eu vou pintar os seus quadros ao vivo. *(Tira a guitarra das mãos de Hylario, e canta.)*

As alfacinhas teem olhos,
que são caldeirões do Inferno!
Teem umas saias de fólhos,
que das almas são escólhos!...
Teem expressões que são mólhos
mui picantes... com ar terno.
As alfacinhas teem olhos,
que são caldeirões do Inferno!...

A Ovarina é uma sereia,
que cheira a peixe do mar!
Nas noites de lua cheia,
baila descalsa, na areia...
Dá-nos ás vezes tareia
de lingoa e mão... de escaldar!
A Ovarina é uma sereia,
que cheira a peixe do mar!

Cuidado com as tricanas
quem aspirar a marido!...

Teem umas fallas maganas,
que não são nada tyrannas!
Teem todas nas almas lhanas
um estudante escondido...
Cuidado com as tricanas
quem aspirar a marido!..

As bellas filhas do Porto
teem tripas de feiticeiras!
Qualquer piloto que é torto
se as vê... váe direito ao porto!
Aos corações dão conforto,
mas aos olhos dão olheiras...
As bellas filhas do Porto
teem tripas de feiticeiras!

A graça das Algarvias
paréce mel e pimenta!..
São subtís como as enguias
as suas fallas macias!
Se nos dão mel em fatias,
seu olhar a Neve esquenta...
A graça das Algarvias
paréce mel e pimenta!

Podesse eu lançal-as todas
com uma pedra, no mar!..
Tenho tomádo mil sódas,
por causa das suas módas!
Só quem não sábe das pódas
é que inda cáe em casar!..
Podesse eu lançal-as todas,
com uma pedra, no mar!..

SCENA X

Os mesmos e as ONZE MIL VIRGENS. Véem todas vestidas de branco, com lampadas na mão, e flores de laranjeira cingindo-lhes as frontes. Quando ellas surgem, os anjos tócam a sua celeste fanfarra.

S. PEDRO

Não faltava mais nada para o triumpho definitivo d'este esturdio estudante! S. Jeronymo, o grande doutor da Egreja, acha no seu instrumento um feitiço desconhecido, Maria Magdalena declara-o sublime, as Estrellas ficam estarrecidas, escutando-o, S. Cecilia québra a sua harpa d'ouro, e troca-a pela guitarra, e agora, demais a mais, eis que chegam as Onze mil Virgens!.. Eu que as tinha tão fechadas e aferrolhadas, a bom recado!...

S. JERONYMO

Hylario, tu, que sobre tudo versejas e improvisas, não poderás acáso dedicar umas

tróvas tambem a S. Pedro, guardião das cordeiras celestes?...

HYLARIO

Já estava ha instantes cogitando n'isto!... *(Cantando)*.

S. Pedro estava dormindo,
sentado á porta do Céo.
Eis que o Amor entrou sorrindo,
sorrindo... mas não bateu!

Ficae sabendo, homens graves,
que prendeis as formosuras,
que contra o Amor não ha chaves,
ferrolhos, nem fechaduras!

S. PEDRO

Ainda em cima deprecia a minha vigilancia, e os meus serviços, o mafarrico!..

UMA VIRGEM, (A HYLARIO)

Sublime cantador, temos ouvido celebrar os teus acordes magicos, e as tuas volátas que a todos extasiam. Queremos, pois, tam-

bem deliciar-nos, ouvindo-te... Não queremos, porem, cantos alegres, orgiacos, e folgazões!... Queremos aquellas pequenas tróvas, em que tu primas, sentidas, doridas, soffridas, e em que os corações das mulheres e dos poetas se diluem em lagrimas...

HYLARIO

Vou esforçar-me por vos comprazer!... *(Cantando).*

Virgens mais débeis que o vime,
e mais radiantes que a Aurora!
não ha nada mais sublime
que um lindo rosto que còra...

Debaíxo d'essas janellas,
sempre crueis e fechadas,
hontem á noute, ás estrellas,
déram-me quatro facádas.

Mas nenhuma fez no peito
o mal que, por minha cruz!...
os teus olhos me teem feito
dando facádas de luz.

Busquei o Amor, viajando,
ao Sol, á Lua, ás Estrellas...
fui encontral-o ás janellas
d'esses teus olhos, chorando!

Sou pobre, mas não me importa!..
Mendigo e canto violla.
Fui bater á tua porta,
teu olhar me deu esmolla.

Vinha da chuva transido,
mas tu, com piedosa mão,
foste secar meu vestido,
nas brazas do coração...

Mas quando, ao raiar do dia,
me pozéste fóra,—ingrata!
o pranto que em mim corria
parecia um rio de prata...

AS VIRGENS (EM CORO)

Admiravel! Precioso! Bem sentido e bem exprimido!..

UMA VIRGEM

Entôa-nos mais outras harmonias tão delicadas e ternas, como essas!.. Faze-nos ouvir um pequeno poema, um diamante de

facetadas rimas, que lembre uma joia oriental, e em que se narrem os infortunios de um amor intimo, casto, e infeliz...

HYLARIO (cantando)

O vestido de noivado
da rainha de Kachmir
era a diamantes bordado,
como o luar n'um terrado!...
Parecia o Céo estrellado,
ou a visão de um «fakir»,
o vestido de noivado
da rainha de Kachmir.

Se é a Via Lactea, em summa,
não ha olhar que destrince!...
Nenhuma vista, nenhuma
jurará se é neve ou pluma,
se é leite, ou astro, ou espuma,
nem o proprio olhar do Lynce...
Se é a Via Lactea, em summa,
não ha olhar que destrince!

Levava, nas mãos patricias,
leque de rendas e sandalo...
Oh! que mãosinhas... delicias
para amimar com blandicias,
para beijar com caricias,
que adorariam um Vandalo...
Levava, nas mãos patricias,
léque de rendas e sandalo.

Côr da lua, os sapatinhos
éram mais subtís que o léque!..
Seu manto, purpura e arminhos,
não rojáva nos caminhos,
pois sua cauda, aos saltinhos,
levava-a um núbio muléque.
Côr da lua, os sapatinhos
éram mais subtís que o léque!

Eis que, no meio da bôda,
entrou um moço estrangeiro...
Callou-se a alegria douda
da grande assemblea, em roda!
E a brilhante salla toda
fitou o joven romeiro.
Eis que, no meio da bôda,
entrou um moço estrangeiro...

Pegou no copo, com graça,
e brindou, em lingoa extranha...
E a rainha, a vista baça,
como a um punhal que a trespassa,
encheu de prantos a taça,
e o seu lenço de Bretanha...
Chorou baixo, ao ouvir, com graça,
esse brinde, em lingoa extranha!

Encheu de pranto o vestido,
encheu de pranto os anneis....
E, sem soltar um gemido,
chorou, n'um pranto sumido,

o seu passado perdido,
os seus amor's tão fieis!..
Encheu de pranto o vestido,
encheu de pranto os anneis.

Quem era o moço viajante
que fez turbar a rainha?..
Era o seu primeiro amante,
tão leal e tão constante,
que, do seu reino distante,
brindar ao Passado vinha...
Tal era o moço viajante,
que fez turbar a rainha.

Saudades de amor quebrado
fazem lagrimas cair!
Por um brinde ao amor passado,
ficou de pranto alagádo
o vestido de noivado
da rainha de Kachmir.
Saudades de amor quebrado
fázem lagrimas cair!..

UMA VIRGEM

Obrigado, Hylario!.. Teu canto enterneceu-me como o perfume que se evóla de um estimado cófre antigo, como uma melopea amiga da infancia...

S. PEDRO

Muito bem, Hylario! Agora que já cantaste a primor, como todos convcem, agora que já ouviste S. Cecilia, e os córos celestiaes, como tu almejávas, é tempo de abandonares o Ceo, e de seguires o teu destino...

MEPHISTOPHELES

Comida feita, companhia desfeita!...

HYLARIO

Pois bem: cumpra-se então o meu destino adverso!.. Adeos Virgens! adeos Anjos! adeos claras, amigas Estrellas!...

AS ESTRELLAS *(cercam-o de novo, e collocam-o no centro, de sorte que elle fica no meio, como da primeira vez, mas, agora, como guardado e defendido por ellas).* Isso nunca Hylario! Jámais te deixaremos partir.. E, se te forçarem, não te abandonaremos, e, antes pelo contrario, te acompanharemos...

AS VIRGENS

E nós tambem!

OS ANJOS

E nós tambem!

S. CECILIA e MARIA MAGDALENA

E nós tambem!

OS ERMITAS

E nós tambem!

S. PEDRO (PONDO AS MÃOS NOS OUVIDOS)

Ih! Jesus! Ih Jesus! Ih Jesus! Sanctus! Sanctus! Sanctus!... Paréce uma verdadeira conspiração!.. O que será o Ceo sem Estrellas, sem os Anjos, sem os Santos, sem as Virgens!...

MEPHISTOPHELES (ESFREGANDO AS MÃOS)

Nunca julguei tão interessante a comedia

divina!.. Agora é que S. Pedro as ouviu tezas e boas!..

SCENA XI

Os mesmos, e o ANJO DA GUARDA

Venho livrar-te S. Pedro dos embaraços que te creou a tua obstinação e teimosia! Dei parte do occorrido á Virgem, e ella já váe decidir o pleito... Eis ella que assóma!

SCENA XII

Os mesmos e a VIRGEM MARIA. Mal ella assóma, vestida de branco, as fanfarras dos anjos entôam accordes religiosos. A lua cheia desponta. Essa lua semelha um novello, d'onde pende um fio luminoso, que se vae prender á meia que a Virgem vem fazendo. As Estrellas formam uma grande roda, cercando-a. As Virgens, com as suas lampadas accesas, formam outra roda involvendo a primeira.)

HYLARIO, *(ajoelha, e tange na guitarra, logo que a musica dos anjos cessa).*

Nossa Senhora faz meia,
com linha feita de luz...
O novello é a Lua cheia.
As meias são p'ra Jesus. (1)

A VIRGEM MARIA

O teu bom anjo da Guarda, Hylario, veio-me contar, chorando, que S. Pedro te não queria admittir no Paraizo, mau grado os desejos de todos os assistentes. Dize-me tu primeiro, S. Pedro, os motivos que te impellem a seres tão cruel com o meu filho Hylario?...

S. PEDRO

Sanctissima Virgem! convenho que Hylario tem grandes méritos musicaes, e é assás gracioso, e insinuante... Mas, a par d'estas qualidades, que elle deveria ter sabido aquilatar, para d'ellas fazer um piedoso uso,

(1) Esta quadra, que é a unica das composições poeticas, aqui publicadas, que pertence ao reportorio de Hylario, paréce inspirada nas «Claridades do Sul».

tem os vicios e os peccados de uma vida lutulenta e de libertinagem, uma vida dissipada e de orgias...

A VIRGEM

Que tens tu a contestar a isto, Hylario?

HYLARIO

Sanctissima Senhora! Rainha das Lagrimas! Mãe dos Tristes!... acaso deverei eu deffender-me, citando as minhas acções boas? Não será isso em mim vaidade e vangloria?.. Demais ellas são tão poucas, que pouco me lembro d'ellas!... Não as citarei pois. Só me defenderei do que apódam delictos. Senhora! tem o povo onde eu nascí um instrumento sentimental e popular, no qual géme as suas desgraças, chora os seus desejos, suspira os seus amores, soluça os seus crimes, a sua fome, e os seus trabalhos... Chora n'elle quando ama, quando é feliz, quando pecca, quando mata, e quando vai arrastado para os infindaveis degredos... Eu apaixonei-me por esse instrumento, e

julguei achar-lhe uma alma occulta e mysteriosa. Com elle tambem ri, tambem amei, tambem carpi, e tambem pequei! Mas os meus delictos não são delictos vis: são os delictos dos aventureiros poetas! Podem elles, acaso, serem accusados por amarem o Sol, a Belleza, a Virtude, os Infelizes, o Amor... e deixárem-se encadear e vencer por uns olhos quebrados de mulher?.. Por que fez Deos o Amor tão estrellado, e a vida tão amarga, tão soluçante, tão lacrimosa?..

A VIRGEM

Deffendes, muito bem, os poetas, Hylario!... Mas teria essa tua defeza muito mais primôr, se fosse feita na linguagem sonóra do Rythmo—do mágico e ineffavel Rythmo, ao qual obdécem, balouçando-se maviosamente, as Ondas, as Estrellas, as Flores, as Constellações, e as Almas... todo o infinito das Cousas, e todo o infinito espiritual.

HYLARIO

Pois bem, Senhora! visto que assim o mandais, deffenderei os meus pobres amigos, os poetas, na linguagem divina e enternecida das lagrimas, que é a Poesia... *(Canta)*

Os poetas são pobrezinhos!
Seu pranto é c'rôa de pérolas!...
Cantam ao sol, nos caminhos,
como no ar os passarinhos...
Rasgam os pés nos espinhos
olhando as estrellas cérulas...
Os poetas são pobresinhos!
Seu pranto é c'rôa de pérolas!

Dão suas capas aos pobres!
São irmãos das andorinhas!..
Nas bolsas teem raros cobres,
nas almas ideias nobres!
Seus olhos chòram aos dobres
d'enterro das creancinhas...
Dão suas capas aos pobres.
São irmãos das andorinhas!..

Viájam pelas Estrellas.
Amam os filhos das hervas!..
Commandam as caravellas
que tem de ouro e seda as vellas!
Brádam alto, entre as procellas,

libertando as almas servas...
Viajam pelas Estrellas.
Amam os filhos das hervas!

Cantam, Senhora, o Amor.
Mas o Amor não é peccado!...
Amam a Mulher e a flor,
e o mar, da lua ao esplendor...
Seguram o Calyx da Dôr
n'um throno de negro armado.
Cantam, Senhora, o Amor.
Mas o Amor não é peccado!..

Que vezes cantam, risonhos,
com vontade de chorar!...
Fógem dos males medonhos
no carro de ouro dos Sonhos!
E aos mysantropos bisonhos,
se os fázem rir, foliar...
que vezes cantam, risonhos,
com vontade de chorar!..

MARIA MAGDALENA

Que delicioso! Que melancholia! Que sentimento! Perdão Virgem Sanctissima para o Hylario!.. *(Põe as mãos supplicantes)* Perdão, Senhora, Perdão!..

AS VIRGENS (AJOELHANDO)

Perdoai Senhora! perdoai!.. Hylario cantou o Amor, mas o Amor não é peccado!..

A VIRGEM

Levantai-vos minhas filhas! As vossas supplicas enternecem-me! Ellas próvam bem, que, quem assim tem o poder divino, como os poetas, de abalar as almas, unanimemente, enternecendo-as, com o poder das lagrimas, ainda que d'elle se tenha affastado, não póde ser senão do Céo! Mas eu quéro provar a S. Pedro positivamente que eu não me engano! *(Voltando-se para um dos anjos)* S. Miguel traze as tuas balanças que nós vamos pezar as acções boas e más do Hylario na Terra. *(S. Miguel põe-se á direita da Virgem, vigiando as balanças. A Virgem em seguida dirige a palavra a S. Pedro).* S. Pedro collóca n'um dos pratos d'esta balança todas as tuas accusações á vida dissipada do Hylario *(S. Pedro chega-se: e, tocando com a dextra n'um dos pratos, esse prato abaixa-se para a terra, ficando o outro levantado sensivelmente).*

A VIRGEM

Agora se ha alguma alma no Universo, a quem o Hylario tenha socorrido, sem ser por interesse pessoal, por gratidão propria, por amor á Carne, ás Formas, ou á Belleza, mas só por impulsão sublime do Amor ideal, que é o Amor sem egoismo, essa alma que surja, e que venha salvar o Hylario.

SCENA XIII

Os mesmos e uma VELHA. Vem, tropegamente, arrimada a um pequeno bordão)

A VELHA

Virgem radiosa e dolorosa!.. uma noute eu mendigava, ao frio cortante, n'uma viella, cheia de abandono, de lagrimas, de desolação, e de fome. Minha filha morria, no meu misero lar, n'um pobre catre, mordida de pezadellos, abalada de convulsões, tressuada de febres, e, de suores lividos. Não tinha esperança já da sua cura. Na minha mansarda não havia um remedio, nem uma cô-

dea de pão, nem uma gôtta d'agua, nem uma hacha de lenha no brazido. Era a morte certa, Virgem gloriosa, para a minha filha! Quando eu estava, ao canto da minha viella obscura, abysmada n'estas cogitações amargas, e parecia-me que abandonada de Deos e dos homens, escutei ao longe uma alegre serenada, que se abeirava da minha solidão, e do meu retiro escuso. Todas as janellas de chofre se abriram, e se illuminaram. Hylario vinha no meio de um alegre bando, descuidado, formoso, insinuante, radioso!... Vinha cantando, a cabeça nua, os cabellos ao vento... Cobrei animo então, lendo-lhe no olhar o reflexo de uma alma generosa, e pedi-lhe esmolla para salvar a minha filha, que a breve trecho talvez expiraria. Eu era uma velha pobre, andrajosa, caváda de fomes, de lagrimas, de miserias curtidas, sem especie de juventude, nem de belleza alguma. E Hylario, condoido de minhas lagrimas, só por uma impulsão de Amor ideal, que é o amor sem egoismo, pediu esmolla a todas as janellas, esmolla a todos os companheiros, e, por ultimo, não tendo elle proprio que dar, deu-

me, para empenhar, a sua guitarra, que era o seu orgulho, a sua gloria, o seu amor. E regressou silencioso para a casa, descuidoso, e mudo...

A VIRGEM

Anjo da Guarda de Hylario! péga na guitarra d'elle, e collóca-a no outro prato da balança. *(O Anjo executa as ordens, e o prato immediatamente váe abaixo, ficando o outro no ar.)* Hylario! a guitarra que paréce, te havia perdido acába de te salvar. Isto prova que a Arte jámais é superior, por mais bella que pareça, senão quando é posta ao serviço de um nobre sentimento, ou de um puro Ideal. Hylario permanéce no Ceo, por que tu representas o Amor, o Desinteresse, a Generosidade, a arte sublime de mover as lagrimas, e a radiosa Alegria! Anjos, Santos, Estrellas, Virgens, coroai Hylario, com as rosas do Amor e da perenne Mocidade!... *(As Estrellas, os Santos, as Virgens corôam Hylario: os anjos entôam musicas festivas: e, dos ares, jor-*

ram catadupas de flores, como n'uma gloriosa aleluia).

MEPHISTOPHELES

Boas noutes a toda a Ex.ma Assemblea! Retiro-me, para o *rez-de-chaussé* do Abysmo. Perdi a partida, e tenho, na realidade pena, por que tinha fatacaz pelo estudante!.. Estou certo que se vae aqui aborrecer de morte, no Céo! Divertir-se-hia muito mais dando serenadas no Inferno!... *(Afunda-se pelo chão abaixo, com uma risada, e um prolongado ruido de tan-tan.)*

FIM

AOS MEUS AMIGOS

Não é uma nota erudita que vou fazer, em cousa de tão pequena monta: é apenas um *familiar cavaco* entre amigos.

Isto que hoje sae a lume, é uma litteraria excursão nos dominios da Phantasia. E' a vós que a dedico, ó meus amigos! a vós, que de continuo me envaideceis com os vossos exagerados encómios: a vós que de tal guisa tendes enaltecido o valor d'algumas composições lyricas d'esta theatral obrinha, que de antemão lhe fizestes a reputação antecipada!... A vós, pois a dedico, a vós, pois a offérto, ó meus companheiros, e consócíos!..

Alguns de vós sabem já de cór *o vestido de noivado da rainha de Kachmir*... deixai-me, pois, agora dizer-vos o que eu ha muito penso do Lyrismo, e por que n'este género, tenho escripto tão pouco, o que vós tão acremente me exprobais, com tão amáras invectivas!...

O Lyrismo, para se salientar, quer seja

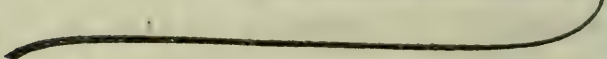
o de um individuo, quer seja o de uma raça, déve ser cheio de sentimento e de originalidade. E' por isso que o nosso *Fado* é a expressão genuinamente lyrica da ydiosincrasia de uma Raça: é por isso que o mysterioso *Corvo* de Egdgai Pöe é a expressão saliente de um poeta singular—que creou uma Esthéthica sua, uma Lyrica única, uma Eurythmia nova. Abortar todos os annos, ou todos os mezes, de livros de versos banaes, em que é evidente a imitação e o plágio de outros poetas estrangeiros, mais ou menos avariados, é uma gloria que eu não acho, ó meus amigos! crédora da inveja alheia!.. Ser original, em poesia, como em todo o genero de Arte, implica a maior das superioridades—a potencia concepcional.

Hoje, na Europa, ha cerca de mil e cem, ou mil e duzentos ridiculos escriptores de versos, que todos pretendem imitar Víctor Hugo, e que todos se pavoneiam muito an-

chos, por os seus conterraneos os considerarem tal. A Inglaterra, a Hespanha, a Russia, Portugal, e até creio que Seixo de Gotães e Pico de Regalados, se ufanam hoje de possuir o seu Victor Hugo provincial, e até districtal. Não cogitam, porém, esses miseros auctores que tressuam noute e dia a imitar esse Célebre, que a sua fama d'elles, depois de mortos, se diluirá toda na vasta personalidade original do grande lyrico, de que elles não foram senão as vís copias, e as tibias imagens reflexas e reduzidas!.. Quantos imitadores não tiveram Homero e Pindaro, e todavia, ó meus amigos! só elles hoje se lêem ainda!.. Para mim seria menospreso ser apenas a méra cópia, e o reflexo de um outro espirito, ainda que fosse dos mais notorios e amados. *Mon verre est petit; mais je bois dans mon verre!..* dizia o incomparavel, delicado, e malicioso Musset. E tinha rasão! Antes possuir uma personalidade bem vincáda, ainda que em revolta

com o Existente, do que ser o Victor Hugo inglez, o Byron suéco, o Heine da Polynésia, o Dante da Bessarrabia. Que humilhação o não sermos *nós mesmo,* mas sim a imagem de um outro, a photographia viva de um Glorioso, que nós macaqueamos, de que estudamos os *solemnes ares* ao espelho, e de quem recitamos, nos cafés, as pyrotechnicas phrases!... E' por isso, meus amigos, que eu escrevo pouco Lyrismo. E' por que o respeito muito:—é por que o considero a forma suprema da Arte, a qual deve ser original, para ser imperecivel e inconfundivel. Tudo o que não fôr, em Arte, verdadeiramente original irremissivelmente morrerá.

Isto que acabo rapidamente de expôr é a resposta ás exprobações que continuamente me fazeis de produzir pouco, e de assás pouco, especialmente, no género tão transcendente e delicado do Lyrismo.

E' força concentrarmos-nos muito, para

produzir arte verdadeiramente original, depois de tanto que o Pensamento Humano tem laboràdo! E' impossivel ser-se original, e ser-se fecundo como a mãe das Danaides!..

Em quanto que á obra destinada a theatro, que hoje sae á publicidade, direi d'ella que é uma phantasia, no genero tão poetico,—e que seria curioso ver renovado—dos velhos *Mysterios* da Edade Media. Fallam n'ella os Anjos, fallam os Santos, fallam as Virgens, fallam as Estrellas,—e Hylario, o troveiro nacional, talvez o ultimo d'este fim de raça, e o mais pittoresco de todos,—assim como outrora o antigo Orpheo, que desceu aos Avernos e defendeu a sua causa, dedilhando a divina Cythara, e amansando os Juizes e as Furias embevecidas e enternecidas, assim tambem Hylario, tangendo a guitarra mágica, dá serenadas no Céo, às Virgens, aos Anjos, ás Constellações, e gánha tambem a sua causa, affirmando o prestigio superior e transcendente da Poesia. A essen-

cia moral, porem, que reçuma d'esta pequena phantasia mystica, d'este desvaneio meio sentimental, meio ironico, creado talvez com intuito de fundar no theatro um genero delicado e mysterioso, que arrancasse o nosso publico ao seu *engouement* trivial e banal pela *Magica,* quanto á essencia moral d'esta phantasia é—*que o Bem deve aspirar sempre ao Bello,* e o *Bello aspirar sempre ao Bem*.

Se acaso bem executei este thema tão superior e poetico, tão ideal e elevado, vós o direis ó meus amigos e consócios, e o publico culto e especial, que gosta e se apraz com as cousas delicadas e subtís... mesmo até quando são nacionaes!

ERRATAS

Entre pequenos erros, que o leitor facilmente emendará, devemos mencionar todavia, na Nota, a pagina IV, 5.ª linha, ydiosincrasia em vez de *idyosincrasia:* — na mesma pagina, 6.ª linha, Egdgai Pöe, em vez de *Edgar Pöe.*

Obras que se devem publicar

POESIA DA NEGAÇÃO

As Gargalhadas do Diabo.

Mephistopheles no «Macadam».

O Fim do Século.

Memorias de um Revoltado.

—=—

POESIA DO MYSTERIO:

Sonátas Espirituaes...

As Almas Apunhaládas.

Poemas Mysteriosos.

A Mulher de Luto,—poema.

—=—

THEATRO:

S. Cypriano, o Mágico.

A Náo Catharineta

O Desconhecido.

—=—

PAMPHLETOS:

Litterátos e Caricátos.

Carta a um livido bandálho

Carta a um monstro lindo.

Obras publicad do auctor.

Claridades do Sul— e

A Canalha— e

O Tributo de Sangue— e

A Traição— e

O Hereje— e

O Renegado— e

A Morte do athleta— e

A Morte de Lilí— e

Historia de Jesus— e

Os Fuzilamentos em Hespanh e

Protesto de alguem— e

Troça á Inglaterra— e

A Orgia— es

A Fome de Camões— es

O Anti-Christo, poema— es

Serenadas de Hylario no Céo.